

SILÊNCIOS NA ERA DA TÉCNICA: a jornada de Lenz Buchmann SILENCES IN THE AGE OF TECHNIQUE: The journey of Lenz Buchmann

Gabriela Fujimori da Silva¹
Luzia Aparecida Berloff Tofalini²

RESUMO: Este artigo analisa a complexa relação entre silêncio e morte na obra *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, de Gonçalo M. Tavares, com ênfase na trajetória da personagem Lenz Buchmann. A partir da perspectiva da polifonia do silêncio, exploram-se as múltiplas camadas de significado que emergem dos não-ditos, da fragmentação narrativa e da violência que permeiam a obra. Argumenta-se que a morte de Lenz, um cirurgião obcecado pelo controle e pela negação da fragilidade humana, representa a supremacia do silêncio sobre a razão instrumental e a ilusão de domínio sobre a vida. Na obra de Tavares, o silêncio não é um vazio, mas uma forma de expressão carregada de significado, capaz de revelar as complexidades da condição humana diante da morte e dos limites da técnica. A pesquisa terá como principais subsídios teóricos os estudos de Le Breton (1997), Orlandi (2007) e Tofalini (2020).

Palavras-chave: Silêncio; Morte; Literatura Contemporânea; Gonçalo M. Tavares.

ABSTRACT: This article analyzes the complex relationship between silence and death in the novel *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, by Gonçalo M. Tavares, with an emphasis on the trajectory of the character Lenz Buchmann. From the perspective of the polyphony of silence, it explores the multiple layers of meaning that emerge from the unspoken, the narrative fragmentation and the violence that permeate the romance. It is argued that the death of Lenz, a surgeon obsessed with control and the denial of human fragility, represents the supremacy of silence over instrumental reason and the illusion of mastery over life. In Tavares's work, silence is not a void but a form of expression loaded with meaning, capable of revealing the complexities of the human condition in the face of death and the limits of technique. Le Breton's (1997), Orlandi's (2007) and Tofalini's (2020) studies will provide the main theoretical support for this research.

Keywords: Silence; Death; Contemporary Literature; Gonçalo M. Tavares.

INTRODUÇÃO

O silêncio, frequentemente compreendido como ausência, revela-se, na literatura contemporânea, como um espaço fértil de significação. Longe de representar um vazio, o silêncio significa e manifesta-se em múltiplas camadas, expressando a complexidade da experiência humana diante de questões existenciais, entre as quais a mais problemática é configurada na morte. Em *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, quarto romance da

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora no Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail: gabriela_fujimori@hotmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: luziatofalini@bol.com.br.

tetralogia *O Reino*, de Gonçalo M. Tavares, o silêncio emerge como elemento narrativo fundamental, entrelaçando-se   trajetória de Lenz Buchmann, um cirurg o que busca controle absoluto sobre a vida e a morte. A obra de Tavares apresenta um cenário marcado pela violência, pelo trauma e pela fragmentação da narrativa, reflexos de um mundo assombrado pela guerra. Nesse contexto, o silêncio ganha força expressiva, revelando a incompletude da linguagem verbal para traduzir a intensidade da dor e a complexidade dos sentimentos humanos. Como afirma Le Breton (1997), as palavras, por vezes, se mostram insuficientes para expressar a profundidade da experiência humana, especialmente diante do trauma.

Ao buscar apreender a construção social e cultural das experiências dolorosas, o ser humano vê-se diante da descentralização do sujeito. O problema da angústia diante da dor e diante da morte constitui uma especificidade humana que se manifesta por meio de linguagens verbal e/ou não verbal, sendo externalizadas ou não. Diante dos padecimentos, a expressão poética torna-se elemento mitigador do sofrimento, da angústia, do desespero, porque ela é instrumento que possibilita a eclosão e a exteriorização do conteúdo mais abissal e mais intocado que habita a alma humana. Para Le Breton (2013, p. 25) a dor   “violência nascida no próprio âmago do indivíduo, ela dilacera sua presença e o esgota, dissolve-o no abismo que nele se abriu, esmaga-o no sentimento de um imediato sem nenhuma perspectiva”. A dor que dilacera, esgota, dissolve e esmaga o ser humano em si mesmo, “provoca o grito, a queixa, o gemido, as lágrimas ou o *silêncio*, isto é, ausências da palavra e do pensamento” (Le Breton, 2013, p. 41 – grifo nosso). Esse silêncio reflete a incomunicabilidade diante da condição de sofrimento, como um avançar da morte dentro da existência, mesmo porque, uma pessoa, ao enunciar em palavras a dor que sente, com o objetivo de d -la a conhecer a outrem, sabe que ninguém é capaz de senti-la de veras como é sentida pelo enunciador.

No evento traumático, abarrotado de dor, há muitas construções de silêncio aguardando que o leitor – o qual segundo as Teorias da Est tica da Recepção e do Efeito é convocado a ser coautor do texto –, confira sentidos a elas. Nesses momentos, diversos fatos expostos na narrativa despertam no receptor a lembrança de eventos emocionalmente desagradáveis, que podem trazer à tona comoção, perturbação, choque, abalo, devido aos seus conteúdos impactantes. Assim, se a experiência for excessivamente

violenta e cruel torna-se inassimilável ao aparelho psíquico. Outro problema relacionado a eventos traumáticos se reflete na própria articulação das palavras. Ante a situação traumática, a palavra em si não consegue representar com a devida expressividade o que o sujeito sente, seja por conta da ineficiência da linguagem, em se tratando do excesso que carrega o trauma, ou ainda pela inexequibilidade de simbolizar o horror vivenciado para então emergir para a representação linguística. Sobre a tais problemas, Le Breton (1997) postula que:

As crianças de guerra, que assistiram à execução dos seus parentes, que viram homens e mulheres serem torturados ou violados, indivíduos que sofreram um traumatismo pessoal, ficam sem voz, escondem-se fora da linguagem, fora de alcance, fora de qualquer sofrimento suplementar, mesmo quando este refúgio silencioso se assemelha a um grito entranhado na carne, a uma história condensada na dor (Le Breton, 1997, p. 106).

A experiência do trauma, especialmente da guerra, confronta-se com a insuficiência da linguagem para expressar o sofrimento. A palavra torna-se incapaz de dar forma ao horror, à dor que está "entranhada na carne", à história que se condensa no silêncio forçado. É no silêncio que a narrativa traumática encontra respaldo para acontecer, pois é nesse espaço que o inominável se faz presente e a alma se abre para uma nova forma de compreensão. Em um diálogo complexo, o silêncio e as palavras complementam-se e tensionam-se para construir significados e sentidos. É por isso que as artes não só “nascem do silêncio como também se encontram impregnadas de silêncio e exigem um silêncio fruidor, por parte do receptor, para que possam fazer sentido” (Tofalini, 2018, p. 160). Nesse contexto, Tofalini (2020, p. 16) afirma que “a arte, representando o ponto mais agudo a que chegou a desagregação do mundo, da sociedade e do sujeito, torna-se também fragmentada [...]. Quanto mais fraturas, tanto mais sobressaem os silêncios [...]”. Essa fragmentação da arte reflete a complexidade da experiência humana e a busca por significados em meio ao caos.

O "silêncio forçado", expresso por Le Breton (1997), é a voz do trauma que se manifesta em forma de incapacidade de falar e de compreender. A dor inscreve-se na alma e a linguagem é obrigada a se abrir para outras formas de expressão e interpretação. Os silêncios da narrativa traumática remetem a uma profundidade de sentidos que transcende a linguagem convencional, pois as vozes do silêncio coexistem com aquelas das palavras, criando uma teia de significações capazes de se lançar para além do texto, expandindo sua

interpretação. Em *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, a presença de traumas, especialmente a experiência de Frederich Buchmann como soldado de guerra, contribui significativamente para a construção dos silenciamentos na narrativa. A figura paterna, assombrada por seu passado, transmite ao filho Lenz uma visão bélica do mundo, mesmo que este não tenha vivenciado diretamente a guerra. Para Frederich, o outro é sempre visto como uma ameaça, um inimigo a ser subjugado ou eliminado. Essa lógica predatória, baseada na ideia de que é preciso ser predador ou presa, permeia a formação de Lenz e influencia sua atuação no romance. A narrativa, ao representar mortes violentas e rememorar as crueldades da guerra, evidencia a importância de se perquirir os silêncios para a compreensão da diegese. Este estudo aborda, primeiro, o que se denomina como “polifonia” do silêncio, dadas as diferentes manifestações de silêncio presentes na obra de Tavares. Tais ocorrências são exploradas para aprofundamento da análise da trajetória de Lenz Buchmann e sua relação ambivalente com a morte, desde o domínio técnico que exerce como cirurgião até a própria finitude, marcada pela doença e pela perda do controle. A análise da morte de Lenz revelará a potência do silêncio como elemento narrativo para expressar a fragilidade humana e a ineficiência da técnica em vencer a inevitabilidade da morte.

1. A POLIFONIA DO SILÊNCIO: Uma Sinfonia de Não-Ditos

Em *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, o silêncio transcende a mera ausência de som, configurando-se como um elemento narrativo multifacetado, que ecoa e amplifica os sentidos da obra. A narrativa fragmentada, as formas de construção dos diálogos e as lacunas deixadas pelo narrador constroem uma polifonia de silêncios, cada qual com sua especificidade e significado, revelando as complexidades da condição humana. Entende-se por “polifonia do silêncio” o fato de que cada silêncio abre um leque de sentidos que passam também pelos sons. A onomatopeia, constituindo-se como tentativa de colocar em palavras sons e ruídos, poderia ilustrar essa polifonia, uma vez que ao ser lida, mesmo que silenciosamente, explode em som. Nessa perspectiva, basta atentar para as repetições das consoantes oclusivas bilabiais que, unindo forma e conteúdo, buscam representar as dificuldades, os obstáculos a serem transpostos pelas personagens e intensificam a carga

de tensão e rigidez da narrativa, reforçando o ambiente de violência. O vocábulo “bombardeiro”, por exemplo, presente na passagem: “Lenz sentia-se o militar que pousa a pistola [...] e se senta depois ao comando de um *bombardeiro* que pode transformar em ruínas, num só segundo, uma cidade inteira e dez ou vinte séculos” (Tavares, 2008, p. 106, *itálico nosso*), carrega, no contexto bélico, uma intensidade sonora particular. A repetição do fonema “b” e a combinação com o “r” criam uma sonoridade que remete ao estrondo e à devastação associados a explosões e a bombardeios. A força e o impacto do som acentuam o contexto de violência e tensão, ampliando a experiência do leitor e a sua imersão no cenário de destruição iminente.

Outra sequência que pode ilustrar o que fica dito pode ser vista no excerto a seguir: “Lenz percebera que na medicina se combatiam as duas mais espantosas capacidades da técnica: a explosão e a *precisão*” (Tavares, 2008, p. 33). A letra “p” é repetida cinco vezes no período, constituindo uma aliteração que vem corroborar o sentido geral da narrativa. Esse aspecto fonético, marcado pela força do “p”, reflete a mentalidade cartesiana e controladora de Lenz. A busca incessante pela precisão, seja em suas ações como cirurgião, seja em sua atuação política, revela sua necessidade de ordem, controle e dominação, compondo a imagem de disciplina, rigidez e racionalidade que permeia a personalidade da personagem. No romance em análise, a repetição, o ritmo e a escolha lexical de Tavares frequentemente criam efeitos sonoros carregados de significação. Tal estratégia contribui para a atmosfera tensa e peculiar da narrativa. Em uma das cenas, na sala de cirurgia, a enfermeira que acompanhava o Dr. Lenz lhe fez uma pergunta sobre passar um bisturi, ao que ele respondeu: “Não. Não, não. Sim, sim, sim” (Tavares, 2008, p. 43). Essa repetição, rápida e enfática, cria um efeito sonoro que transmite a impaciência, a urgência e o automatismo de Lenz, quase como um tique verbal. É a forma como o “não” e o “sim” são ditos que gera esse efeito, permitindo ao leitor “ouvir” uma textura sonora que transmite um estado emocional, mesmo que ele esteja vendo apenas letras tipográficas silenciosas.

Outro exemplo ocorre quando Frederich Buchmann, ao obrigar o filho Lenz a ter relação sexual com a empregada, repete a ordem “Vais fazê-la”. Lenz é levado ao quarto de uma das empregadas, “a mais nova e mais bonita da casa. — Agora vais fazê-la, aqui, à minha frente. [...] — Vais fazê-la à minha frente — repetia” (Tavares, 2008, p. 17). A insistência nessa frase, sua repetição rítmica – pois se trata de uma anáfora – e o contexto

exploram a sonoridade, transmitindo a pressão psicológica e a brutalidade da situação. Essa repetição de construção soa como golpes verbais, gerando uma impressão sonora na mente do leitor. O efeito, intensificado pelo ritmo, pela ênfase na ação e pelo contexto violento, eleva a carga emocional e a violência na cena. A polifonia do silêncio alia-se à polissemia do silêncio (multiplicidade de sentidos) em um jogo que inclui sons e silêncios e, ao mesmo tempo, significados revelados e sentidos escondidos. Eni Orlandi (2007), em seus estudos sobre análise de discurso, introduz o conceito de “silêncio constitutivo”, aquele que se manifesta na escolha das palavras, na seleção lexical que determina o que é dito e, conseqüentemente, o que é silenciado. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 74), “toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis”, demonstrando que o ato de dizer implica, intrinsecamente, um silenciar. Em Tavares, essa dimensão do silêncio se manifesta na construção da personalidade de Lenz. Suas palavras e ações, frutos da rígida educação recebida do pai — ex-soldado de guerra — refletem a internalização de valores como o controle, a força e a negação da fragilidade. O que Lenz cala — seus sentimentos e emoções — revela-se, paradoxalmente, por meio de seus atos de violência e opressão.

Além do silêncio constitutivo, identifica-se na obra o que Orlandi denomina “política do silêncio”, que se manifesta na manipulação e no controle da linguagem. Lenz, como médico e posteriormente como político, instrumentaliza a palavra e o silêncio para exercer poder, silenciando aqueles que ele considera inferiores e manipulando a população por meio do medo e da insegurança. O narrador descreve como Lenz articula essa estratégia de controle: “Seremos tanto mais fortes [...] quanto mais conseguirmos infiltrar na população esta mistura: movimento rápido e temor. Não os deixar parar para que não deixem de ter temor” (Tavares, 2008, p. 223). A imposição do silêncio, seja pela violência física ou simbólica — como a manipulação da informação e a criação de um clima constante de medo — revela a face opressora da personagem e a sua incapacidade de lidar com a diferença e a fragilidade humana, características de sua própria personalidade, somadas aos ensinamentos autoritários e violentos que herdou do pai. David Le Breton (1997), em sua análise sociológica do silêncio, destaca a importância do contexto para a compreensão do seu significado. No texto artístico de Tavares, o silêncio se entrelaça ao trauma da guerra, presente como um fantasma que assombra as personagens e influencia suas relações sociais. O silêncio, nesse ínterim, torna-se a linguagem dos que vivenciaram

experiências traumáticas. Como descreve Le Breton (1997, p. 106), as vítimas de traumas, como as “crianças de guerra, que assistiram à execução dos seus parentes”, muitas vezes “ficam sem voz, escondem-se fora da linguagem”, buscando refúgio no silêncio como forma de proteção contra a violência do mundo. Esse silêncio, no entanto, não é sinônimo de passividade, mas carrega em si a força do trauma vivenciado.

Diante disso, evidencia-se a relevância do estudo e da investigação dos modos de significar do silêncio e seus diferentes sentidos, destacando como a fragmentação da experiência humana se manifesta mediante as lacunas deixadas pela dor e pelo trauma. O silêncio emerge, assim, como uma expressão poderosa, que desafia a lógica da comunicação verbal, transcende as palavras e captura aspectos da experiência humana que permanecem indizíveis. Por outro lado, Marina Colasanti (1992) explora a dimensão afetiva do silêncio, destacando sua importância nas relações amorosas e nos momentos de compartilhamento profundo. “A paz se estabelece no não-dito, pois qualquer palavra representa um risco de ruptura na perfeição desse equilíbrio” (Colasanti, 1992, p. 96). No entanto, em Tavares, a ausência desse tipo de silêncio — que poderia promover conexão e afeto — reforça a frieza e a incapacidade de conexão emocional de Lenz. Suas relações são marcadas pelo controle e pela violência, fazendo com que o silêncio, nesse contexto, não seja um espaço de afeto e compreensão, mas reflexo da distância e do isolamento emocional da personagem.

2. LENZ BUCHMANN: a técnica como instrumento de poder

Lenz Buchmann, figura central de *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, personifica a crença na onipotência da técnica e a consequente negação da inerente fragilidade humana, inclusive no que se refere à morte. Sua formação como cirurgião não apenas lhe confere um domínio técnico sobre o corpo humano, permitindo-lhe intervir no delicado limiar entre a vida e a morte, mas também o leva a nutrir uma ilusão de controle que o distancia da própria finitude. Essa relação com a técnica e a negação da vulnerabilidade humana são moldadas, em grande parte, pela influência paterna e pelo espectro da guerra, ainda que esta não tenha sido diretamente vivenciada por Lenz. A medicina, na perspectiva de Lenz, transcende a arte de curar, tornando-se um instrumento

de poder e controle. Como o narrador destaca, “O que sempre fascinara Lenz na doença era a inutilidade do trabalho, o doente não poderia trabalhar para ficar curado. E nesse sentido era roubada ao homem a sua grande capacidade: a de construir, a capacidade de simplesmente fazer” (Tavares, 2008, p. 53). Percebe-se aqui a valorização exacerbada da ação, da produtividade, da capacidade de “fazer”, em detrimento da habilidade de contemplação e de aceitação da fragilidade inerente à condição humana. A doença, vista por Lenz como uma forma de inutilidade, representa a perda de controle. A fragilidade do corpo doente contrasta com a precisão e o poder de suas mãos como cirurgião. A influência paterna é crucial na construção dessa mentalidade. Frederich Buchmann, ex-militar traumatizado pela guerra, incute no filho a crença de que a força e o controle são imperativos para a sobrevivência em um mundo que se mostra intrinsecamente hostil. O narrador revela a visão de Frederich:

a estrutura fundamental da sua educação fora dada por um militar, o seu pai, e havia ainda em Lenz uma adoração por essa espécie de excitação urgente que o combate colocava em cada homem e que o seu pai, Frederich, por diversas vezes lhe transmitira. Nenhuma mulher, dizia Frederich Buchmann, te excitará tanto quanto a possibilidade de matares um homem que, por qualquer razão, nesse instante odeies (Tavares, 2008, p. 107).

Para Frederich, o outro é sempre um inimigo a ser dominado e, se necessário, combatido. Ou se assume a postura de predador, ou se torna a presa; não há espaço para outra posição. Essa perspectiva, marcada pela violência e pela desconfiança, moldada pela experiência traumática da guerra, é assimilada por Lenz e se reflete em suas relações com a medicina, a política e a vida em geral. A metáfora do campo de batalha, recorrente na narrativa, ilustra como Lenz vê as relações humanas como uma luta constante pela sobrevivência, em que apenas os mais fortes prevalecem. Assim, a busca por controle se estende não apenas à vida profissional, mas também à sua vida pessoal e à sua atuação política. Como cirurgião, as mãos habilidosas de Lenz, capazes de realizar intervenções precisas e salvar vidas, tornam-se símbolos e instrumentos de poder e controle. “A personagem Lenz, com amplo conhecimento das técnicas e da ciência, era notadamente um excelente cirurgião [...] ganhou fama em poucos anos” (Tavares, 2008, p. 29-30). Ao operar um paciente, “Lenz não deixava de pensar, todas às vezes [...], que o mínimo desvio de seu bisturi, por acidente ou falha, poderia provocar a morte do organismo operado”

(Tavares, 2008, p. 34). Esse pensamento revela não apenas sua habilidade técnica, mas também sua fascinação pelo poder de decidir sobre a vida e a morte. Lenz se vê como um deus, capaz de manipular os fios da existência e de intervir no curso natural da vida. Essa concepção de poder é reforçada em um momento no qual Lenz observa os transeuntes pela janela. Ele realiza um gesto simbólico, que sublinha sua sensação de controle:

Fez então outra vez, sem pensar, o gesto da cruz, sobre aquelas pessoas que lá em baixo não paravam [...]. Fizera o gesto com o braço de caçador [...]. Com o gesto do dono do boi que marca o símbolo da sua propriedade o dorso do animal, assim também Lenz Buchmann, antes de desaparecer, marcaria o seu nome no dorso da população. Era esse o seu destino. Estava certo disso (Tavares, 2008, p. 143, 144).

Tal obsessão de Lenz pelo controle revela-se também em sua atuação política, em que ele manipula a população por meio do medo e da insegurança. Como prefeito, implementa uma política baseada na velocidade e no movimento constante, privando as pessoas de tempo para refletir ou questionar sua autoridade. Sua estratégia de manipulação gira em torno da imposição de um ritmo frenético à cidade, dificultando o surgimento do pensamento crítico. Pausas, silêncios e momentos de reflexão são vistos por Lenz como ameaças ao seu poder, já que poderiam despertar a consciência coletiva e fomentar a resistência. Essa agitação contínua se torna uma ferramenta eficaz de manipulação e silenciamento. Através de estímulos externos e ruídos incessantes, Lenz cria uma atmosfera de distração permanente, afastando as pessoas do silêncio necessário para introspecção e análise crítica. O barulho, nesse contexto, opera como um mecanismo de dominação, substituindo a reflexão pelo caos controlado. Como aponta Le Breton:

O indivíduo que não é capaz de suportar o silêncio tem a possibilidade de recorrer, no conjunto dos fatos e gestos da vida quotidiana, a um ruído de fundo. Os programas de rádio ou de televisão nunca param, nem ambientes musicais banalizados dos espaços públicos, dos átrios de hotel, dos cafés, das lojas, mesmo, às vezes, dos meios de transporte. Arrancada às raízes do silêncio, a própria palavra dissolve-se em ruído de fundo. No decorrer do dia, o homem é acompanhado por uma litania sem fim que lhe fornece, sem parar, referências tranquilizantes. E, quando chega a casa, no meio do silêncio relativo da sua residência, vai ligar o rádio ou a televisão, ver um vídeo ou ouvir cassetes ou CD. O barulho tem um efeito narcotizante no ambiente do apartamento ou na rua, garante a permanência de um mundo que continua indemne. Projeta uma linha de audição que é controlável e reconhecível, em estilo de uma tela que acaba com a turbulência e a

profundidade perturbadora do mundo. Exercício de esconjuração para obstar à rarefacção do sentido (Le Breton, 1997, p. 170).

Nesse cenário, o barulho atua como um anestésico, bloqueando a capacidade de reflexão e aprofundamento. Quanto mais ocupadas e amedrontadas as pessoas estiverem, menos espaços disponíveis para pensar e questionar a realidade imposta. Para Buchmann e Kestner, indivíduos envolvidos em ações contínuas tornam-se presas fáceis para manipulação e controle: “sem sentirem verdadeiro *medo* os homens não se mobilizam com significado” e, por isso, a ideia centralizava-se na ação de “ganhar mais poder a partir da colocação forçada das pessoas em movimento” (Tavares, 2008, p. 219 – 220). Esse planejamento reflete diretamente as estratégias de Lenz em sua busca pelo domínio. Como Orlandi (2007) sugere, o silêncio constitutivo cria significações ao calar outras; o dizer e o silenciar estão intrínsecos. Lenz manipula essa dinâmica ao eliminar o tempo de reflexão: “Esta hipótese surpreendente de reduzir um largo espaço e um largo tempo a um ponto negro, vazio, a hipótese de eliminar séculos – igrejas, por exemplo [...], esta hipótese, portanto, de *eliminar tempo* sempre fascinara Lenz” (Tavares, 2008, p. 106). A manipulação do tempo é mais uma extensão de sua ambição por controle, de modo que até a história é silenciada em favor de sua autoridade. Nesse sentido, as escolhas lexicais de Lenz e os apagamentos que ele impõe são claramente manipulativos, pois visam desestabilizar a reflexão crítica e silenciar vozes dissidentes. Ao eliminar espaços de significação, ele assegura que sua narrativa de poder permaneça hegemônica, controlando não apenas o que é dito, mas também o que é deixado de fora do discurso. Essa estratégia se alinha à ideia de que o poder assemelha-se:

a uma válvula de silêncio que regula o movimento fluido dos sentidos. A habilidade em administrar o silêncio se confirma na habilidade de controlar os sentidos de si e do outro, seja pela retenção do silêncio ou pela retenção da palavra, o cultivo do silêncio e a imposição de um calar fazem parte do que se pode chamar aqui de política do silêncio (Yamakawa; Tofalini, 2018, p. 391).

Toda essa manipulação de Lenz, em primeira instância, do que ele deve dizer e do que as pessoas devem/podem compreender, alinha-se ao “silêncio constitutivo”, em que ele manipula seu discurso para silenciar sentidos que não lhe interessam. Além disso, a personagem almeja um controle maior, de modo a ficar fascinado com a “hipótese de

Revista Húmus

eliminar séculos”, ou seja, apagar a história. Nesse viés, ocorre também o silenciamento da censura, em que “[...] entra toda a questão do ‘tomar’ a palavra, ‘tirar’ a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” (Orlandi, 2007, p. 29). Lenz se estabelece não apenas como um manipulador do discurso, mas como um agente que busca reescrever a narrativa coletiva em benefício de seu próprio poder. A dinâmica de controle também é evidente quando o narrador analisa a atuação de Lenz como político: “E como a mão de Lenz Buchmann se modificou! [...] a mão, nas suas atividades médicas, não parara, enfim, de olhar para baixo, e agora, a população inteira parecia exigir um levantar da cabeça; essa mão privada erguera agora os olhos” (Tavares, 2008, p. 159). A transformação da mão de Lenz simboliza não apenas sua transição de cirurgião para líder político, mas também a ampliação de seu controle autoritário. O “levantar da cabeça” sugere que a mão, antes associada ao espaço privado da medicina, agora se estende ao espaço público, onde Lenz dispõe de um campo muito maior para exercer seu poder e influência.

Lenz Buchmann, portanto, em sua busca incessante pelo controle, constrói para si uma imagem de onipotência, amparada na técnica e alimentada pela influência paterna. No entanto, essa ilusão de domínio sobre a vida e a morte será confrontada pela inevitabilidade da sua própria finitude, momento em que a técnica, outrora instrumento de poder, se revelará impotente. A morte, único fenômeno que escapa completamente ao controle humano, surge como o limite definitivo que desestabiliza a crença de Lenz na sua autossuficiência.

3. A MORTE DE LENZ E O TRIUNFO DO SILÊNCIO

A doença que acomete Lenz, um tumor cerebral, irrompe na narrativa como uma força avassaladora que desestabiliza as fundações de sua ilusão de controle e o lança no abismo da própria finitude. O corpo, antes instrumento de poder e domínio, palco de suas intervenções cirúrgicas precisas, torna-se agora o território da fragilidade e da dependência. A personagem central de *Aprender a Rezar na Era da Técnica* acreditou ser como as máquinas, que “não se divertem ou afundam em tragédias existenciais” (Tavares, 2008, p. 30) e, de fato, tinha tanta habilidade cirúrgica, que o seu pulso “parecia suportado por um pedaço de metal e não por um braço” (Tavares, 2008, p. 30). No entanto, a técnica,

outrora sua aliada na manipulação da vida e da morte, revela-se impotente diante da inexorável progressão da doença. A fragilidade física, a dependência dos outros e a impossibilidade de controlar o próprio corpo abalam as bases da sua crença na supremacia da razão instrumental e o forçam a confrontar a própria vulnerabilidade, antes veementemente negada. A mão vigorosa e implacável ao manipular um bisturi e depois a cidade, perdera força com a doença. Lenz tentou levantar a mão, porém não conseguiu, “não tem forças para levantar o braço [...]. Está sem força. [...] Não consigo levantar a mão – murmura, com voz enrolada, Lenz Buchmann” (Tavares, 2008, p. 254). O silenciamento imposto pela doença se revela em Lenz como uma força superior, inatingível pela razão e pela técnica que, até então, sustentavam sua visão de mundo. Essa nova realidade se manifesta em sua condição física, em que a personagem experimenta a limitação de sua expressão, descrita por termos como “murmura” e “voz enrolada”. Essas expressões evidenciam o silêncio progressivo que a enfermidade lhe impõe. A dificuldade de expressão é refletida na ideia de que

[...] o fato de o narrador ou de a personagem calar-se depois de uma palavra ou uma frase indica a dificuldade ou impossibilidade de dizer algo maior, mais profundo, mais grave [...]. É que não há palavra do homem que possa ‘transcrever’ ou significar a plenitude da sua interioridade (Tofalini, 2000, p. 140).

Nesse contexto, a dor, antes observada e controlada por Lenz como médico, é agora vivenciada em sua própria carne. Essa experiência inverte os papéis e o coloca no lugar daqueles que ele tratava com distanciamento e objetividade. “Dói-me a cabeça – disse Lenz, sem a noção de que a doença há muito deixara de se satisfazer com a parte de cima do corpo” (Tavares, 2008, p. 254-255). A doença tornara-se uma força incontrolável que o consumia e o dilacerava. O silêncio, antes imposto aos outros como forma de controle e manipulação, agora se impõe a ele, revelando sua fragilidade e sua impotência diante da morte. O homem que silenciava os outros, que se recusava a demonstrar qualquer emoção ou fragilidade, agora é silenciado pela doença. A cena em que Lenz, já debilitado pela doença, tenta levantar a mão, mas não consegue, é emblemática dessa inversão de papéis. A mão, símbolo de seu poder e de seu controle sobre a vida, agora é pesada e inerte, vencida pela força da doença. O silêncio que o envolve é o silêncio da

derrota, da impotência que se aproxima da morte, silêncio irrevogável. Conforme Arantes (2019):

Há tempos na nossa vida em que as palavras não chegam. Tempos em que entramos em contato com o que há de mais profundo em nós mesmos, buscando respostas, sentidos, verdades. O tempo de morrer é um desses momentos. [...] Seja como expectadores, seja como protagonistas, a morte é um espaço aonde as palavras não chegam. [...] O indizível é a melhor expressão da experiência de vivenciar a morte (Arantes, 2019, p. 61).

A doença e a dor obrigam Lenz a confrontar a realidade da sua própria finitude, a desfazer a ilusão de controle construída ao longo de sua vida. A técnica, que lhe conferia um falso sentido de onipotência, mostra-se incapaz de vencer a morte, revelando os limites da razão instrumental. Assim, o desmoronar da ilusão de controle de Lenz não é apenas um evento isolado; é também o desmoronar de sua identidade, erigida sobre os pilares da técnica e da negação da fragilidade humana. Essa desintegração da identidade é acompanhada pelo silêncio revelador que permeia sua condição, um silêncio que ecoa a afirmação de Arantes sobre a experiência do indizível diante da morte: “Seja como expectadores, seja como protagonistas, a morte é um espaço aonde as palavras não chegam”. Ao perder sua capacidade de controlar, Lenz se vê confrontado com um espaço onde o indizível se torna predominante, desnudando a crua realidade da existência humana e a inevitabilidade do fim, aspectos que ele sempre se esforçou para ocultar. O silêncio, antes negado e silenciado pela personagem Lenz, impõe-se como a única linguagem capaz de expressar a complexidade da experiência da morte. A morte de Lenz, importante e renomado cirurgião, metáfora da ciência, representa o triunfo do silêncio sobre a razão instrumental. Embora a técnica tenha avançado significativamente, alcançando níveis de precisão e eficiência extraordinários, como em cirurgias complexas ou na substituição de órgãos, ela continua limitada pela ausência de emoções. A superioridade, portanto, ainda reside no toque humano. É o ser humano que, ao aliar sua sensibilidade à técnica, pode transcender os limites da ciência. Essa competência é ilustrada pela descrição do narrador, que destaca a peculiar habilidade de Lenz:

Na sua mão direita tinha uma aura, uma cintilação não científica; um dedo suplementar, digamos, dedo invisível que dá o toque último que nos casos extremos salva. O Dr. Lenz B. já salvou muitos homens e muitas mulheres. Na sua mão direita o bisturi brilha; há um mais na combinação do

instrumento médico com a mão de Lenz [...]. Numa situação de frio intenso, aquela mão, segurando o bisturi, seria o fogo (Tavares, 2008, p. 29-30).

Essa combinação de técnica e humanidade, simbolizada nesse excerto, representa o "algo mais" que a técnica por si só não pode oferecer. No entanto, mesmo essa habilidade extraordinária é limitada pela inevitabilidade da morte. A ciência e a medicina podem prolongar a vida, mas não pode impedir o seu fim. O ideal seria que a ciência e a tecnologia fossem utilizadas com ética e respeito pela dignidade humana, orientadas não apenas para o prolongamento da vida, mas para o cuidado e a preservação do que é essencialmente humano. No entanto, a postura de Lenz reflete uma visão diferente disso, em que a técnica é empregada como instrumento de poder e controle, desconsiderando a humanidade e as subjetividades daqueles sobre os quais exerce sua autoridade. Lenz manipula o conhecimento para sustentar sua ambição e eliminar o que considera fraqueza ou desnecessário, demonstrando o perigo de uma racionalidade desvinculada da ética. A morte de Lenz é o ponto culminante da narrativa, o momento em que o silêncio se sobrepõe às palavras e revela a sua potência expressiva. É nessa hora que ele se deixa perceber em todas as nuances da sua polifonia. Nesse ponto, o silêncio assume um papel decisivo. O confronto com a morte não é apenas físico, mas também simbólico: o silêncio que acompanha o fim da vida contradiz a dinâmica de movimento e ação que sempre guiou as escolhas de Lenz. Onde antes havia velocidade, controle e manipulação, agora se instala a estagnação e o vazio. Le Breton (1997) analisa a forma como o avanço da técnica molda a percepção do silêncio, destacando que, em um mundo cada vez mais dominado pelo ruído constante, a reflexão e a interioridade acabam por ser relegadas a segundo plano. O barulho torna-se sinônimo de progresso, poder e velocidade, enquanto o silêncio representa um contraponto, um espaço de resistência ao ritmo acelerado imposto pela tecnicidade. Como o autor ressalta:

[...] onde o ruído está ligado à velocidade, à força, à energia, ao poder, o silêncio, inversamente, é uma cristalização da duração, um tempo parado ou infinitamente lento, aberto à sensibilidade do corpo humano, batendo ao ritmo tranquilo da marcha do homem (Le Breton, 1997, p. 172).

Nesse contexto, o silêncio é um refúgio para a interioridade, permitindo que o ser humano se reconecte com sua própria essência, em contraste com o fluxo incessante e

Revista Húmus vol. 14, num. 42, 2024

ruidoso do mundo exterior. Contudo, para o Dr. Lenz Buchmann, esse silêncio que poderia trazer reflexão e reconexão é associado à fraqueza e à falta de controle, buscando sempre suprimir momentos de pausa e introspecção, tanto em si mesmo quanto nos outros. O momento da morte de Lenz – o confronto final – desmascara a equivocada onipotência construída ao longo da trajetória da personagem. A morte impõe-se como uma força que interrompe o discurso e o poder, revelando que o silêncio, tantas vezes visto por Lenz como um inimigo, é, na verdade, o destino inevitável de todos: “A luz, essa, não parava de o chamar. Queria sentir ódio, mas não conseguia. Ela tranquilizava-o e chamava-o. Depois talvez tenha existido uma pausa e de novo da televisão veio uma luz forte que o chamou pelo nome. E agora **ele foi; deixou-se ir**” (Tavares, 2008, p. 356, grifo nosso). Essa luz pode ser interpretada como a luz elétrica da televisão, representando a tecnologia que Lenz tanto venerava, mas que, ao mesmo tempo, mescla-se a uma luz transcendental, evocando uma dimensão espiritual que ele sempre rejeitou. Sua incapacidade de enfrentar esse silêncio reflete a recusa de Lenz em aceitar a própria condição humana, um paradoxo que permeia sua jornada: aquele que buscava controlar tudo perde o controle de si próprio e entrega-se à força inexorável do tempo e da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Aprender a Rezar na Era da Técnica* revela a potência do silêncio como elemento narrativo fundamental na construção da complexa teia de sentidos da obra. O silêncio manifesta-se em múltiplas camadas, expressando a profundidade da experiência humana diante de questões existenciais como a morte. A trajetória de Lenz Buchmann, cirurgião obcecado pela técnica e pelo poder, serve como fio condutor para a exploração da relação ambivalente entre o homem, a vida e a morte na contemporaneidade. A obra de Tavares convida a refletir sobre os limites da razão instrumental e a ilusão de domínio sobre a vida. Lenz, em sua busca incessante pelo controle, constrói uma imagem de onipotência, amparada na técnica e na negação da fragilidade humana. A medicina, em sua perspectiva, torna-se um instrumento de poder, permitindo-lhe intervir no curso natural da vida e da morte. No entanto, essa ilusão de controle desmorona diante da doença, que o obriga a confrontar a própria finitude e a impotência da técnica. A polifonia do silêncio — o

silêncio da morte, da dor, do trauma —, contrasta com o ruído da técnica e da busca desenfreada pelo domínio sobre a vida. Em *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, o silêncio é uma presença significativa e, dentre as várias camadas, destaca-se como uma forma de resistência à lógica da razão instrumental e um convite à reflexão sobre a condição humana frente ao outro e diante da morte. Trata-se de um elemento intrínseco à vida que, além de sobrepor sentidos, deixa-se perceber em toda a sua polifonia, porque, em última análise, o silêncio é plurivocal. E é na morte que ele descortina o maior contingente de possibilidades de significação.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro. Sextante, 2019.

COLASANTI, Marina. E por falar em amor. Rio de Janeiro. Rocco, 1992.

LE BRETON, David. Do silêncio. Lisboa. Instituto Piaget, 1997.

ORLANDI, Eni P. **AS FORMAS DO SILÊNCIO**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. **APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA**: posição no mundo de Lenz Buchmann. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

TOFALINI, Luzia A. Berloff. **A PRIMAZIA DO SILÊNCIO**: Jerusalém de Gonçalo M. Tavares. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista. v. 10, n. 1, jan./jun. 2018. p. 159-175. Disponível em:

<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3834/3340>>. Acesso em out. 2024.

_____. **SILÊNCIOS E LITERATURA**: construções de sentido em Jerusalém. Maringá. Eduem, 2020.

YAMAKAWA, Ibrahim A; **TOFALINI**, Luzia A. B. **APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA DE GONÇALO M. TAVARES**: Lenz Buchmann e a política do silêncio. In: Revista Contexto, Vitória, n. 34, 2018/2 (p. 388 – 418).